



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

*Comissão de Saúde e Meio Ambiente*



*Produção de Medicamentos Fitoterápicos*

Produção de Medicamentos Fitoterápicos

SEMINÁRIO

mentira. Muita gente boa morreu de intoxicação utilizando plantas de uma forma completamente aleatória.

O *digitalis*, que gerou o digital que se usa para insuficiência cardíaca, matou muita gente quando se usava a planta pura e simplesmente. Por quê? Porque as concentrações das substâncias ativas variam muito ao longo do ano, dependendo do ciclo da planta – muitas vezes, num mesmo grupo de plantas, num mesmo local, há uma variação muito grande de concentrações. Às vezes, uma planta que possa ter algo interessante contém inibidores naturais, que, ao utilizarmos as duas juntas estaremos perdendo tempo, ou seja, tirando a oportunidade de o paciente receber um tratamento mais específico.

Às vezes, uma substância maravilhosa que a natureza nos dá é rapidamente modificada pelo organismo, não mantendo a sua função por mais do que alguns segundos, e o nosso desafio é modificá-la para que ela se torne mais estável. Outro aspecto importante é o grau de pureza. É necessário sabermos a dose que se está usando porque assim se poderá comparar com a dose que se recomenda, teoricamente, em estudos experimentais.

Seria importante que pessoas de outras áreas que trabalham no nosso Estado, que pudessem ter um apelo para câncer, que nos fossem acessíveis, porque o grande desafio seria canalizarmos, ao mesmo tempo, essas fontes de conhecimentos e utilizá-las de forma inteligente para avançarmos no conhecimento. Não vou dizer o que cada um deverá fazer com a planta, porque cada um vai ter o seu próprio juízo para utilizá-la numa situação específica. Não vou criticar ou regulamentar, porque não faço parte de nenhum órgão legislador nessa área, apenas faço pesquisas.

Para concluir, vou-me referir à cartilagem de tubarão. Enquanto alguns brasileiros tomaram uma observação inicial do professor Folkmann, da Universidade Americana de Harvard, de que cartilagem de tubarão em extrato inibia alguns tumores em laboratório porque inibia a angiogênese – a formação de vasos sanguíneos no câncer – e ficaram, durante anos, vendendo ilusões às pessoas na forma de cartilagem de tubarão, o professor Folkmann ficou quieto no laboratório trabalhando e foi isolando, a cada passo, o que havia de substância ativa contra a angiogênese ali e o que não havia.

Hoje as pessoas que continuavam usando cartilagem de tubarão não saíram do mesmo lugar – muitos brasileiros fizeram isso erroneamente, porque

vendiam esse material sem comprovação científica de seus benefícios. O professor já tem vários candidatos bem específicos e muito mais potentes do que o extrato cru da cartilagem e alguns derivados até semi-sintéticos em que alguns químicos inspirados pela molécula que ele isolou fizeram modificações e transformaram em vários candidatos muito mais fáceis e seguros de serem usados no ser humano. Esses candidatos estão sendo testados em pessoas.

Vejam a diferença entre o caminho puramente empírico e o que segue do empiricismo a trajetória científica. Muito obrigado. (palmas)

## UNISINOS

### **A EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO DOS SABERES CIENTÍFICO E DO POPULAR**

**Padre Clemente José Steffen**

*Professor de Ecologia e Fisiologia Vegetal da Unisinos*

Costumo dizer a meus alunos e amigos que sou uma espécie em extinção, isto é, como padre, aprendi latim – hoje já não se aprende latim – e, como professor de latim, vou-me valer deste provérbio latino: *esto brevis et placebis* - seja breve e agradarás. Neste momento nada é mais agradável do que ser breve.

Muitas coisas melhoraram no mundo. Uma das teses que defendo é a de que temos que mudar quase tudo que aprendemos, e uma das mudanças a fazer diz respeito ao uso da Medicina: no lugar dos alopáticos, devemos voltar aos fitoterápicos. Tudo deve estar no seu ambiente, correspondendo à sua finalidade. Fitoterápicos deve ter uso popular, mas para isso há que haver apoio da área científica.

Estamos realmente numa fase de mudanças. Uma coisa que se está verificando no mundo todo é o retorno ao uso de fitoterápicos. Um exemplo é a grande quantidade de livros vindos do estrangeiro - Inglaterra, França, Alemanha, Itália -, obras fantásticas, belíssimas, sobre plantas medicinais.

Cito um caso simples: em todo o mundo, existe uma doença extremamente grave, que é a depressão. Para combatê-la, adotou-se Prozac,

remédio alopático universal. Um colega meu, padre, já idoso, estava com depressão e pediu-me: *Padre Clemente, me arruma um remédio natural, um chá, algo para eu tomar, porque não agüento mais esse Prozac. Em primeiro lugar, é muito caro, e, como religioso, acho que não devo tomar um remédio tão dispendioso. Em segundo lugar, não agüento mais os efeitos colaterais que provoca.*

Ele soubera por leitura numa revista da existência de uma planta excelente para a depressão. Tratava-se do famoso *Hipericum perforatum*, da Europa, que não é o mesmo que temos aqui, chamado *Hipericum conatum* e outros *hipericus*. Lá é chamado Erva de São João, mas temos entre nós uma outra erva de São João, também chamada *mentrastum* que é completamente diferente, e a *Geratum conisoides*, também usada para a depressão.

Na Alemanha, num mesmo ano, foram prescritas aproximadamente 3 milhões de receitas para a depressão. Dessas, o percentual de frequência do *hipericum* era 25% vezes maior do que a do Prozac. Vê-se, assim, que a população, mesmo a dos países desenvolvidos, prefere plantas, os fitoterápicos.

Entre nós tem-se observado essa busca de volta, uma verdadeira revolução. Em toda parte existe a ânsia do uso de fitoterápicos. Isso pode provocar alguns problemas, tendo em vista que, excluindo as pessoas mais velhas, as ervas não são conhecidas, seu uso é ignorado, muito mais a dose que se deve usar. Muitas vezes, então, aplica-se uma dose errada, o que provoca também efeito colateral.

Para ajudar esse saber popular que se perdeu em grande parte, é necessário o saber científico, por isso estão aqui também as universidades, muito bem representadas, que estão começando a se empenhar em ajudar o povo a reconhecer novamente as plantas e a usar os seus fitoterápicos no Sul e no Brasil todo.

Em 1996, na Expointer, expus uma série de fotografias - das quais há algumas aqui no *hall* -, que, por acaso, foram vistas por um médico de Belo Horizonte. Fascinado pelas fotografias, mostrou interesse em adquirir algumas semelhantes 'aquelas, explicando que na sua universidade os estudantes do último ano são obrigados a fazer um estágio de Medicina Popular nas vilas e que não conhecem planta nenhuma. Precisaria, então, de uma ilustração, com o nome da planta, que fosse facilmente reconhecida.

Em Joinville, onde ministramos um curso no ano retrasado, conheci médicos novos, formados no Rio de Janeiro e que optaram por trabalhar com Medicina Popular naquela cidade, visitando doentes de bicicleta de casa em casa. Consideraram o trabalho direto com o povo muito melhor do que a atividade de Medicina tradicional desenvolvida em hospital e consultório.

Esses são exemplos da volta do usos de fitoterápicos e demonstram como o povo todo está sedento por isso. Repito que é necessária a ajuda do saber científico, porque há muito erro, muita ignorância. Nesse sentido é que as universidades devem trabalhar os alunos.

A professora Ingrid de Barros falou da falta de uma matéria sobre plantas medicinais na Agronomia. Tenho de bater no peito e dizer que muito pior ocorre na Biologia, que está muito mais voltada para a saúde da população. É o curso que estuda a vida, também e especialmente das pessoas, e não conheço nenhum curso de Biologia em que haja uma disciplina específica de plantas medicinais.

Realizamos na Unisinos, em São Leopoldo, um projeto de extensão e de pesquisa. Academicamente, entretanto, não existe essa disciplina. Há muito o que fazer academicamente para nos prepararmos, nós e nossos alunos, para socorrer os nossos irmãos que precisam tanto de tratamento de saúde.

O ideal seria o médico ir à procura do paciente, mas o que se vê hoje é o paciente à procura do médico. Daí as filas de quadras inteiras para marcar uma consulta, coisa absolutamente inumana. Por isso a importância deste chamado, e já prevejo também resultados altamente positivos para este seminário. Não esperava tanto. Graças a Deus, tivemos fantástica participação de todos os lados, de todas as categorias, de todos os tipos de intervenção, desde o mais popular até o mais científico.

Já foi relatada a experiência do uso de fitoterápicos numa comunidade em Riozinho, apoiada pela prefeitura, pelo corpo médico e principalmente pela população. Após essa experiência, abrimos um chamado para atender outros municípios que também queriam fazer o mesmo.

Responderam a nosso chamamento os Municípios de Parobé, de Nova Hartz, de Dois Irmãos, de Salvador do Sul e de Presidente Lucena, que estão



fazendo conosco o curso que denominamos de capacitação, com o objetivo de introduzir em suas comunidades a produção de fitoterápicos.

Trabalhamos juntos há dois meses, contando com um médico, enfermeiras e psicólogas fazendo o curso. Há esperança de que isso se multiplique em outras regiões em todo o Estado. A experiência realmente deu certo e vai continuar dando certo para quem repetir esse trabalho, porque trata-se de uma necessidade urgente.

Para produzir fitoterápicos, entretanto, é necessário ter os *fitos*, isto é, as plantas. Ouvimos falar da fantástica riqueza que têm as plantas quanto ao tratamento do câncer. Quem sabe quantas outras plantas ainda existem que não foram estudadas e que estão em perigo de desaparecer?

Prometi ser breve, dizer três frases. Isso me lembra a história de um americano louco que, depois de muitas atividades, resolveu ser escritor. E escreveu a sua vida. Uma obra de umas 200 páginas. Só que essa obra tinha uma coisa insólita: não havia nenhuma pontuação. Não havia ponto, não havia vírgula, sinal de exclamação, nada, nada. Na segunda edição, ele se redimiou. Publicou a mesma coisa, mas no fim do livro colocou duas páginas cheias de vírgulas, pontos, para que cada um pudesse botar onde quisesse.

Precisamos da natureza, precisamos conservá-la. Como professor de Ecologia, insisto nisso. Se assim não for não se poderá produzir fitoterápicos. Conservar a natureza significa tanto a preservação das plantas quanto a limpeza de tudo que é tóxico, que o homem inventou e usa ultimamente. Se não fizermos isso, não nos estaremos curando, mas nos matamos.

Lembro a intervenção de ontem da Sra. Lourdes Maria Prado Duarte, a Rafinha: o campo matando as pessoas da cidade. Isso é terrível. Coisas terríveis realmente estão acontecendo com a nossa natureza, mas é preciso mudar isso também. Já mudamos muito, já melhoramos muito nossa relação com o meio ambiente e nosso conceito de ecossistema.

Antigamente, achávamos que o significado do ecossistema estava em nossa vida, que podíamos fazer qualquer coisa para usá-lo. Hoje sabemos que apenas fazemos parte do ecossistema e que temos que cuidar dele, porque precisamos dele. Para que isso aconteça, entretanto, é necessário algo a mais, que a maioria dos homens está esquecendo. Aí lembro os antigos, até os gregos, mas principalmente nossos indígenas.

Por que as tribos antigas não destruíam as florestas, os rios? Não é porque não tivessem motosserra ou dinamite, mas porque respeitavam a natureza, por acreditarem que nela - e agora falo também como padre - havia uma divindade. O mato tinha sua divindade, que a ele protegia; os rios também; o Sol era um deus, a Lua também. A natureza para eles era sagrada. E isso nós desaprendemos.

—◆—  
***“Outra planta muito importante  
na área de câncer, também  
oriunda da sabedoria popular,  
são as vincas.”***  
—◆—

Muitas vezes finalizo, como faço agora, minhas intervenções com um recado *ecoteológico*. Temos que respeitar a natureza, mas só conseguiremos fazer isso quando incluirmos um último item no conceito de ecossistema aquele que os antigos tinham, quando novamente acreditarmos na existência de uma divindade. Resumindo: respeitaremos a natureza quando acreditarmos que Deus faz parte do ecossistema.